

UMA LIXEIRA DE OUTROS TEMPOS NA RUA DAS CAPACHEIRAS (TAVIRA)

Recebido: 21 de Abril de 2017 / Aprovado: 29 de Dezembro de 2018

Jaquelina Covaneiro¹ e Sandra Cavaco²

Arqueólogas. Município de Tavira.

Resumo

Apresentam-se os dados relativos à escavação de um silo, localizado na Rua das Capacheiras, em Tavira. A informação recolhida permite considerar que, inicialmente, esta estrutura destinava-se ao armazenamento de alimentos. Posteriormente, o silo é desactivado passando a funcionar como lixeira.

Palavras-chave: silo; lixeira; cerâmica islâmica.

Abstract

The results of the excavation of a *silo* located on Rua das Capacheiras, Tavira, are presented. The information gathered suggests that this structure was initially used for food storage. Subsequently, the *silo* was deactivated and used as a “refuse dump”.

Keywords: *silo*; dumping site; Islamic ceramic.

¹ jcovaneiro@cm-tavira.pt

² scavaco@cm-tavira.pt

1. Introdução

A escavação arqueológica surge na sequência de uma intervenção preventiva, efectuada no âmbito da requalificação do edifício sito na Rua das Capacheiras, n.º 20.

Os trabalhos arqueológicos revelaram a existência de contextos estratigráficos compatíveis com a sua interpretação como lixeira, resultante do despejo de lixos domésticos.

Os materiais arqueológicos exumados englobam, fundamentalmente, materiais cerâmicos, bastante fragmentados, materiais faunísticos e elementos metálicos.

O estudo das componentes cerâmicas permite considerar que esta estrutura terá sido entulhada num curto espaço de tempo, provavelmente entre os finais da ocupação almóada e os primeiros anos da presença cristã na cidade.

2. Localização da intervenção

A Rua das Capacheiras localiza-se na cidade e freguesia de Tavira, no exterior do espaço amuralhado. Esta área é abrangida pela Zona Especial de Protecção às Muralhas e ao Castelo de Tavira.

Em época islâmica as Capacheiras deveriam integrar o arrabalde islâmico (Cavaco e Covaneiro, 2013; Covaneiro e Cavaco, 2017), sendo o acesso ao interior da cidade realizado pela Porta do Postigo que aparece referenciada na *Crónica da Conquista do Algarve* (Agostinho, 1792: 89, 91).

Nos últimos anos têm sido realizadas diversas intervenções arqueológicas na área do Arrabalde Islâmico (Travessa das Olarias, antigo Orfeão de Tavira, Rua Miguel Bombarda, etc.) cujos dados confirmam esta hipótese de trabalho. Após a conquista da cidade por D. Paio Peres Correia, em 1242, o arrabalde transforma-se em mouraria.

Ao longo das centúrias seguintes esta é uma das áreas de expansão urbana da cidade.

3. O Contexto arqueológico

3.1 O silo

Os silos são estruturas que, originalmente, funcionariam como contentores de bens alimentares, principalmente cereais. Posteriormente, algumas destas estruturas negativas terão sido desactivadas e reutilizadas como local de despejo de lixos domésticos, assumindo a função de lixeiras em contexto secundário.

Regra geral, estas estruturas de armazenamento são escavadas no subsolo, de forma a permitir alcançar uma temperatura estável, favorecendo a boa conservação dos alimentos. É igualmente frequente o revestimento das paredes dos silos (Neto *et al.*, 2008: 108), com o objectivo de proteger o seu conteúdo da humidade, testemunho que não foi identificado no contexto em análise.

Tipologicamente o silo das Capacheiras, escavado no substrato calcário margoso (sobretudo margas amarelas), é caracterizado pela existência de base plana, secção de tendência piriforme e o característico estrangulamento da boca. Apresentava uma profundidade de 1,50m, largura máxima de 1,40m e 0,47m de boca (Fig. 1).

A boca é estreita apresentando-se estruturada por elementos pétreos que funcionavam como tampa e que selavam o conteúdo interior. A presença de tampas nestas estruturas serve também para impedir o acesso dos roedores aos cereais.

A escavação do silo das Capacheiras não permitiu observar a existência de estruturas de apoio e/ou de âmbito habitacional.

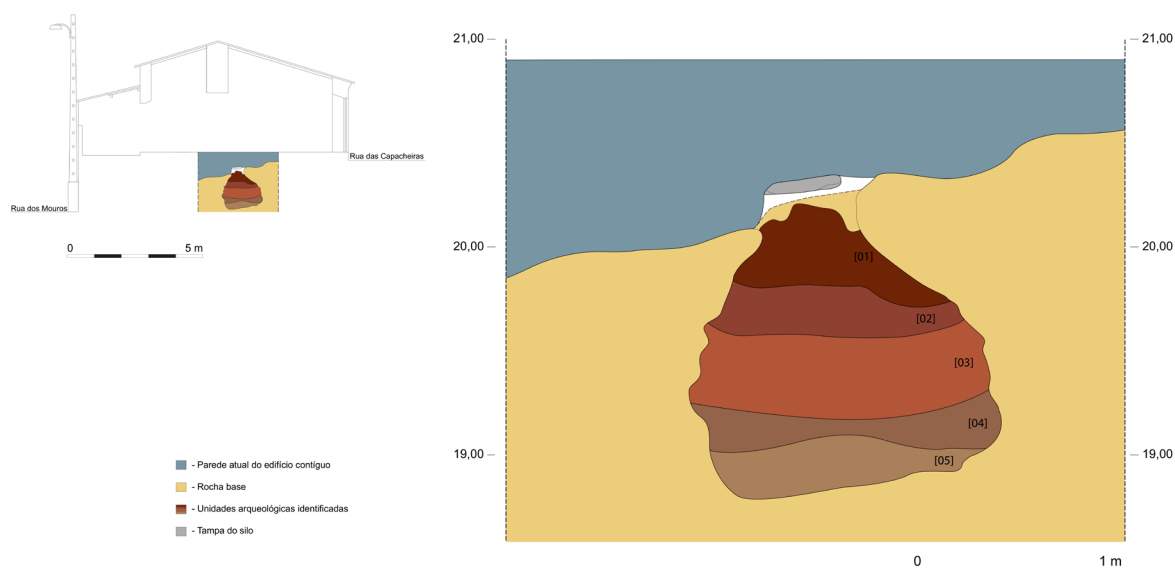


Fig. 1 - Corte estratigráfico do silo da Rua das Capacheiras.

3.2 A estratigrafia e a colmatação do silo

A escavação do enchimento do silo revelou a presença de cinco unidades estratigráficas, sendo que a [01] corresponde ao último momento de utilização ou abandono da estrutura.

De um modo geral, as unidades [02], [04] e [05] caracterizavam-se pela presença de sedimentos de granulometria e compactação diversa. Apresentavam pedras, fragmentos de telha e de tijolo, destacando-se a presença acentuada de cinzas e carvões, sendo de realçar a identificação de fauna ictiológica em elevada percentagem na unidade [02].

A unidade [03] apresentava um conjunto assinalável de grandes blocos de pedra, o que nos leva a considerar que este estrato corresponderá a uma tentativa de fecho da estrutura.

4. Os materiais arqueológicos

4.1 A cerâmica

Do conjunto de espólio arqueológico recolhido durante a escavação, a cerâmica é, sem dúvida, o

mais numeroso. Este facto deve-se, por um lado à sua fragilidade enquanto objecto, e por outro à sua aparente indestrutibilidade, já que é mais resistente que a maioria dos materiais arqueológicos (Orton, Tyers e Vince, 1997: 47).

Foram exumados 315 fragmentos cerâmicos: 289 em cerâmica comum e 26 em cerâmica vidrada.

Após o tratamento, análise e remontagem dos fragmentos cerâmicos, constatou-se que o número de peças completas e/ou com perfil completo é mínimo. Por este facto, optou-se por estudar os 31 recipientes que se apresentavam mais completos.

O seu estudo consistiu na análise da morfologia de cada peça, das características da pasta, bem como das suas técnicas de fabrico e ornamentais. Esta análise seguiu os critérios definidos pelo grupo CIGA – Cerâmica Islâmica do Gharb al-Andalus – (Bugalhão *et al.*, 2010). A distribuição dos recipientes por grupos de formas funcionais teve igualmente em consideração as propostas metodológicas definidas por este grupo de investigação.

A cor das pastas e das superfícies das peças não vidradas foi avaliada através do *Munsell soil color charts*, edição de 2000, e a busca de paralelos

cronológicos e a análise de proveniência tiveram em consideração caracteres morfológicos, tipológicos, cronológicos e ornamentais.

Os restantes 284 fragmentos foram alvo de estudo sumário, tendo sido agrupados de acordo com as suas características. Assim, foram definidos seis grupos de fabrico, independentemente do tipo de cerâmica (cerâmica comum e cerâmica vidrada), tendo por base o tipo de cozedura (oxidante, redutora e mista) e a coloração das pastas no cerne das peças com cozedura oxidante (pastas claras, pastas avermelhadas e acastanhadas). O Fabrico 1 (pastas claras), o Fabrico 2 (pastas avermelhadas) e o Fabrico 3 (pastas acastanhadas) apresentam cozedura oxidante; o Fabrico 4 apresenta cozedura redutora, o Fabrico 5 apresenta cozedura mista e o Fabrico 6 engloba as peças cujos fragmentos não se enquadravam nos restantes fabricos, abrangendo as cozeduras muito irregulares.

Foram ainda contabilizados vários itens, nomeadamente o número de asas (21), bordos (19) e fundos (17) e as cores dos vidrados, tendo-se verificado que prevalecem as peças vidradas a melado (9).

Ainda no que respeita aos fragmentos analisados, constatamos que a cozedura oxidante é a mais frequente (70%), a que se segue a cozedura mista (18%) e a cozedura redutora (5%). No que concerne a coloração das pastas com cozeduras oxidantes, verifica-se o predomínio das pastas avermelhadas (48%) sobre as pastas claras (15%) e acastanhadas (7%).

O Fabrico 2 (pastas avermelhadas com cozedura oxidante) é o mais frequente, estando presente em 137 exemplares, que correspondem a 48% do total da amostra; a que se segue o Fabrico 1 (pastas claras com cozedura oxidante), com um total de 43 exemplares (15% da amostra) e o Fabrico 5 (cozedura mista), utilizado em 18% da amostra (50 exemplares). O Fabrico 3 foi utilizado em 7%

do total da amostra (20 exemplares), o Fabrico 4 (cozedura redutora) está presente em 5% da amostra (15 exemplares) e o Fabrico 6 (19 exemplares) corresponde a 7% da amostra.

4.1.2. As formas, as funções e os usos

As cerâmicas individualizadas foram agrupadas pelas funções aproximadas a que se destinavam, tendo sido utilizadas as formas funcionais definidas pelo grupo CIGA: “armazenamento e transporte”; “louça de cozinha”; “louça de mesa”; “objectos de iluminação”; “objectos de uso doméstico”; “objectos de uso agrícola e artesanal”; “objectos de uso lúdico e ritual” e “material de construção” (Bugalhão *et al.*, 2010: 460).

A louça de cozinha e de mesa totalizam 58% das cerâmicas individualizadas, os objectos relacionados com o armazenamento e transporte perfazem 16% da amostra, os objectos de iluminação respeitam 3%, enquanto 13% dizem respeito aos objectos de uso doméstico indeterminado e 10% correspondem a objectos indeterminados.

4.1.2.1. Armazenamento e transporte

Nesta forma funcional inclui-se o cântaro, o cantil, o pote, a talha e seu suporte, a tampa e a forma indeterminada (Bugalhão *et al.*, 2010: 460). Com excepção do suporte e da tampa da talha, estes objectos destinam-se ao armazenamento de alimentos e/ou líquidos (cântaro, pote, talha), bem como ao seu transporte (cântaro, cantil).

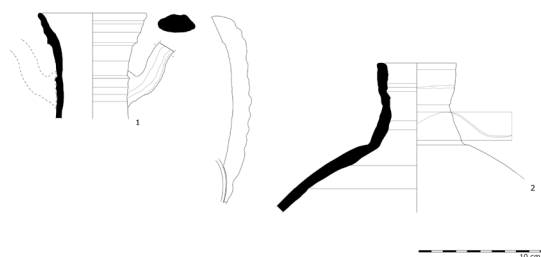
Cântaro

Os cântaros correspondem a formas fechadas, com corpo ovóide, boca estreita (para que o líquido não verta) e asas para facilitar o manuseamento. A

sua média dimensão torna-os aptos ao transporte e, eventualmente, ao armazenamento de água (Torres, Gómez Martínez e Ferreira, 2003: 127).

A amostra é composta por quatro cântaros sendo um dos exemplares incluído no Fabrico 1 e os

Estampa 1
Armazenamento e transporte



Objectos de uso doméstico indeterminado



Objecto indeterminado



Fig. 2 - Louça de armazenamento e transporte (peças 1 e 2); objectos de uso indeterminado (peças 3 a 6) e objeto indeterminado (peça 7).



Fig. 3 - Cântaro com pintura a vermelho.

restantes três no Fabrico 2 (Fig. 2, n.º 1 e 2). Do ponto de vista morfológico apresentam lábio plano (1), afilado (1) e triangular (1), colo troncocónico recto (1) e troncocónico curvo (2). No que concerne o acabamento das superfícies verificamos que todos os exemplares apresentam engobe/aguada na superfície interna. A superfície externa exhibe engobe/aguada de coloração amarela (1), vermelha (1) e castanha (1).

Do ponto de vista ornamental, todos os exemplares apresentam ornamentação, estando presentes as caneluras (3), a incisão (1), a digitação (1) e a pintura a vermelho (1) (Fig. 3).

Talha

A talha consiste numa forma fechada, de grandes dimensões, com corpo ovóide que poderia ter, ou não, asas. De um modo geral, estes recipientes eram utilizados na contenção de alimentos sólidos e líquidos, estando destinados a permanecer imóveis, na dispensa da casa ou nas imediações do pátio, sob um pequeno alpendre (Torres, Gómez Martínez e Ferreira, 2003: 127).

O exemplar de talha identificado na nossa amostra encontra-se representado por parte do colo e uma porção do corpo. O acabamento da superfície interna é conseguido pelo recurso a engobe/aguada, de coloração amarela pálida. Na superfície externa este é alcançado mediante a utilização alternada de vidrado verde e de engobe/aguada de coloração amarela pálida.

No que respeita à sua ornamentação, observa-se a presença de estampilhas, dispostas em fiadas alternadas, com motivos diversos (Fig. 4). Neste capítulo, registamos a presença de motivos fitomórficos (amêndoas e palmetas), de um Cordão da Eternidade e de motivo epigráfico que representa o *al-yumn* (“a felicidade”).



Fig. 4 - Talha vidrada a verde com estampilha.

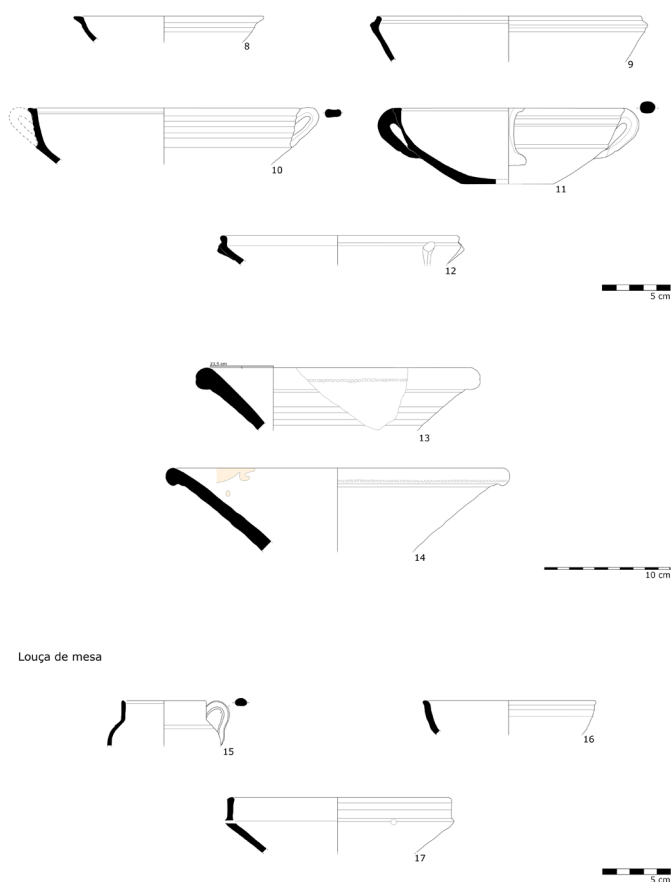


Fig. 5 - Louça de cozinha (peças 1 a 14) e louça de mesa (peças 15 a 17).

4.1.2.2. Louça de cozinha

Nesta forma funcional integra-se o alguidar, o almofariz, a caçoila, o fogareiro, o funil, a panela e a forma indeterminada (Bugalhão *et al.*, 2010: 460). Estes objectos podem apresentar formas abertas ou fechadas, de tamanho pequeno ou médio, sendo a sua capacidade ajustável à quantidade de comida que se pretendia preparar (Gómez Martínez, 2006: 314).

Alguidar

O alguidar consiste num grande recipiente aberto, mais largo do que alto, de corpo normalmente troncocónico invertido ou cilíndrico e base plana, de menor diâmetro do que o bordo, habitualmente arredondado para facilitar o seu manuseamento (Torres, Gómez Martínez e Ferreira, 2003: 128).

Estes objectos eram utilizados em diversas tarefas (amassar o pão, preparar alimentos, cuidados de higiene pessoal...), funções que justificam a diversidade de tamanhos, morfologias e acabamentos.

Os alguidares estão representados na amostra por quatro exemplares, sendo um integrável no Fabrico 1, um no Fabrico 2 e dois no Fabrico 3. Os alguidares em análise mostram lábio com espessamento. No que concerne o acabamento das superfícies, a superfície interna de todas as peças apresenta-se brunida sobre engobe/aguada de coloração rosa (1), vermelha (1) ou amarela (1). A superfície externa apenas apresenta engobe/aguada de coloração rosa (1), amarela (2) e vermelha (1).

Dois dos alguidares apresentam incisão de corda no lábio (Fig. 5, nº 13 e 14), verificando-se a presença num dos exemplares

de pintura a branco no interior, desenhando um motivo indeterminado no lábio.

Caçoila

A caçoila é uma forma aberta, caracterizada pelas suas paredes baixas, normalmente verticais, formando um corpo mais largo que alto, de tendência cilíndrica ou troncocónica invertida, possuindo boca larga, com lábio afeiçãoado e base convexa ou plana (Torres, Gómez Martínez e Ferreira, 2003: 127; Gómez Martínez, 2006: 326).

A partir do século XII algumas formas apresentam-se vidradas, facilitando a sua limpeza e auxiliando na preservação dos alimentos, já que o vidrado evita a sua alteração pelo contacto com o barro (Gómez Martínez, 2006: 514-515). No período almóada são introduzidas as caçoilas de *costillas*, que desaparecem com a reconquista. Estas são caracterizadas pela presença de aplicações plásticas longitudinais paralelas, que representam uma inovação tecnológica, ao reforçarem a estrutura da caçoila, ao mesmo tempo que irradiam calor (Cavilla Sánchez-Molero, 2005: 338; Gómez Martínez, 2006: 550).

No conjunto da amostra foram identificadas sete caçoilas (Fig. 5, nº 8 a 12), sendo duas caçoilas de *costillas* (Fig. 5, nº 11 e 12). Uma das caçoilas de *costillas* mostra um espaço reduzido entre cada aplicação plástica, característica que nos aponta para uma produção de finais da época almóada.

Do ponto de vista morfológico as caçoilas mostram lábio arredondado (3), plano (2) e com depressão para tampa (1), corpo troncocónico invertido (4), carena alta (1) e média marcada (1) e base plana (1).

As superfícies mostram engobe/aguada em ambas as faces, não tendo sido possível determinar a sua coloração, em função das alterações registadas em

ambas as superfícies. As duas caçoilas de *costillas* mostram as superfícies vidradas a melado.

Panela

A panela estaria entre as formas mais utilizadas no quotidiano culinário, consistindo numa forma globular fechada, com uma ou duas asas (para facilitar o manuseamento) e colo diferenciado e encimado por uma “*boca de tamanho médio que podia ser facilmente tapada*” (Torres, Gómez Martínez e Ferreira, 2003: 127). À semelhança das caçoilas, esta forma seria utilizada sobre brasas ou sobre o fogo directo de lareiras, podendo ser utilizadas sobre fogareiros ou ir ao forno. Eram usadas para cozeduras mais demoradas, nomeadamente a confecção de legumes, guisados e caldos.

No conjunto da amostra apenas identificamos uma panela, caracterizada por lábio arredondado, colo cilíndrico curvo e corpo globular. Apresenta ambas as superfícies com engobe/aguada, não tendo sido possível determinar a sua coloração.

4.1.2.3. Louça de mesa

A louça de mesa apresenta maior diversidade formal, sendo mais cuidada que a louça de cozinha e frequentemente vidrada, sendo constituída por recipientes com dimensão suficiente que permitisse que toda a família se servisse do mesmo. Somente a partir do século XI surgem objectos de uso individual, nomeadamente, copos e jarrinhas de duas asas.

Integram-se nesta forma funcional a bilha, o copo, a garrafa, a jarra, o jarro, o púcaro, o prato, a taça, a terrina, a tigela e a forma indeterminada (Bugalhão *et al.*, 2010: 460-461).

Púcaro

O púcaro consiste num jarro de dimensão inferior a 10 cm de altura, apresentando uma forma de tendência globular, colo diferenciado e uma única asa (Bugalhão *et al.*, 2010: 461).

A amostra é composta por um único exemplar que apresenta lábio afilado, bordo vertical, colo cilíndrico recto e corpo globular (Fig. 5, nº 15). As superfícies mostram engobe/aguada de coloração vermelha e a ornamentação da peça é composta por uma canelura disposta no corpo da peça.

Tigela

A tigela é, genericamente, uma forma aberta para serviço de alimentos sólidos (mas também líquidos), com corpo semiesférico ou cilíndrico e de tamanho variável (Torres, Gómez Martínez e Ferreira, 2003: 132).

As cinco tigelas da nossa amostra (Fig. 5, nº 16 e 17) são todas em cerâmica vidrada, apresentando lábio arredondado (2) e biselado (1), bordo extrovertido (1), introvertido (1) e vertical (1), corpo troncocónico invertido (1), carena alta marcada (1) e pé anelar (1).

Quatro tigelas apresentam ambas as superfícies vidradas a melado (4) e uma mostra vidrado verde. A ornamentação destes exemplares é escassa, estando presente a incisão (2), traços pintados a manganês (1) e estampilhas (1) de motivo indeterminado.

4.1.2.4. Objectos de iluminação

Os objectos de iluminação serviam para alumiar a casa, sendo o azeite o combustível de eleição, obviamente o de pior qualidade, produzindo uma luminosidade clara e duradoura, sendo

adicionados grãos de sal grosso ao azeite para absorver o excesso de água, criando uma luz mais nítida (Zozaya Stabel-Hansen, 2007: 125).

Esta forma funcional integra a candeia, a candeia de pé candil, a lanterna e a forma indeterminada (Bugalhão *et al.*, 2010: 461).

Candeia

A candeia é um objecto com corpo cilíndrico achatado e um pequeno bico, onde era ateadado o pavio, conhecendo-se exemplares que apresentam uma pequena asa que, partindo da base, assenta no bordo (Torres, Gómez Martínez e Ferreira, 2003: 129). A utilização das candeias perdura, pelo menos, até ao final da Idade Média, ainda que sem o vidro que caracteriza muitos dos exemplares de época almóada (Gonçalves, Pires e Mendonça, 2007: 645).

O único exemplar da nossa amostra mostra ambas as superfícies vidradas a melado, verificando-se que o bico evidencia marcas de utilização.

4.1.2.5. Objectos de uso doméstico indeterminado

Nesta categoria funcional integram-se cinco variantes: bacio, braseiro, mealheiro, tampa e forma indeterminada (Bugalhão *et al.*, 2010: 461).

Tampa

As tampas destinavam-se a cobrir as bocas de recipientes, sobretudo, de cozinha (panelas e caçoilas) ou de mesa (tigelas), podendo também ser utilizadas para cobrir recipientes relacionados com o armazenamento e transporte de alimentos (talhas e potes), ou vasilhas de uso artesanal, etc. Apresentam uma forma sensivelmente achatada,

podendo ter uma pequena pega no centro (Torres, Gómez Martínez e Ferreira, 2003: 133).

A amostra é composta por quatro exemplares de tampa (Fig. 2, nº 3 a 6), estando presentes exemplares de lábio arredondado (3) e plano (1), corpo troncocónico invertido (3) e em calote esférica (1), carena baixa suave (1) e base convexa (1). Em apenas uma peça é visível pega central em botão.

A impermeabilização é conseguida mediante a aplicação de engobe/aguada em ambas as superfícies: a superfície interna mostra coloração rosa (1), vermelha (2) e preta (1) e a externa coloração rosa (1), amarela (1), castanha (1) e preta (1). Apenas um exemplar mostra canelura, disposta ao longo do corpo.

4.1.2.6. Indeterminados

Foram ainda individualizadas três peças cujo estado de preservação não permitiu a identificação da função (Fig. 2, nº 7).

4.1.3. Considerações finais

As cerâmicas recolhidas no interior do silo das Capacheiras apresentam uma relativa variedade tipológica, prevalecendo as peças de cerâmica comum. As peças vidradas apresentam coloração, maioritariamente, melada, sendo que apenas três peças revelam cor verde (duas tigelas e uma talha) e branco rosado (uma tigela). De um modo geral, estas cerâmicas caracterizam-se, fundamentalmente, por cozeduras oxidantes e pastas vermelha/laranja, definindo um conjunto uniforme e “um mesmo ar de família”.

Tendo em conta o estudo efectuado verificamos que as cerâmicas do silo das Capacheiras apresentam paralelos formais em materiais cerâmicos provenientes de contextos arqueológicos centrados

entre os séculos XII e XIII, nomeadamente no arrabalde da Bela Fria (Cavaco, 2011), em Faro (Paulo, 2000), na Cerca do Convento de Loulé (Luzia, 2003), no Castelo de Paderne (Catarino, 1993) e em Mértola (Gómez Martínez, 2014), entre outros.

4.2 Recursos terrestres

4.2.1 Fauna Mamalógica

4.2.1.1 Aspectos metodológicos

O estudo faunístico procurou efectuar a análise taxonómica e anatómica dos restos ósseos recolhidos no interior do silo das Capacheiras, tendo por base um conjunto diversificado de documentação metodológica (Schmid, 1972; Barone, 1976; Payne, 1985).

Considerando que não foram recolhidos elementos dentários, foi tido em consideração o estado de ligação das epífises às diáfises dos ossos longos, na determinação da idade à morte, com base nos trabalhos de Chaix e Méniel (2001), Davis (1989) e Reitz e Wing (1999). Atendendo aos dados obtidos, foram estabelecidos cinco grupos etários (infantil, juvenil, sub-adulto, adulto e senil), de acordo com o definido por Letow-Vorbeck (1998).

As marcas antrópicas seguiram o trabalho de Gautier (1987). Os parâmetros osteométricos foram os definidos por von den Driesch (1976) e Desse *et al.* (1986), e por Davis (1996) e Bartosiewicz, Neer e Lentacker (1993) para medidas específicas. Todas as medidas foram obtidas mediante o uso de craveira manual e expressas em milímetros (Fig. 6).

Todos os restos ósseos foram contabilizados. Relativamente às costelas, vértebras e ossos longos optou-se pela sua inclusão nos restos

U E	Espécie	Elemento	Lado axial	Fus.	Bd	BG	Bp	BPC	BT	DI	GB	GL	GLC	GLI	GLm	GLP	HS	LAR	Ld	SD	SDO	SH
04	BOS	Úmero	Direito	NF	76				63													
04	BOS	Cúbito	Indeterminado	F																		
04	BOS	Tíbia	Esquerdo	NF																		
04	BOS	Fémur	Indeterminado	NF																		
03	S	Astrágalo	Esquerdo	NF	23					21					37	34						
03	S	Calcâneo	Esquerdo	NF																		
01	S	Rótula	Indeterminado	F									22	14								
01	OVA	Rádio	Direito	F			36															
01	OVA	Cúbito	Direito	F																	22	
02	OVA	Rótula	Indeterminado	F						20		32										
05	OVA	Semi-lunar	Indeterminado	F																		
03	ORC	Pélvis	Esquerdo	NF								59						7				4
02	ORC	Úmero	Direito	NF	7				6											3		
05	ORC	Cúbito	Esquerdo	F				5												3	6	
05	ORC	Cúbito	Direito	F				5												3	6	
01	ORC	Escápula	Esquerdo	F		6										7	51		29			
01	ORC	Fémur	Indeterminado	F	11																	
05	ORC	Pélvis	Esquerdo	F														9				

Fig. 6 - Representação anatómica dos restos de mamíferos identificados e respectivas medidas, expressas em mm. (BOS – *Bos taurus*; S – *Sus sp.*; OVA – *Ovis capra* e *Ovis aries*; ORC – *Oryctolagus cuniculus*; F – Fusionado; NF – Não Fusionado).

indeterminados (ND), tendo-se procedido à sua classificação por classe de tamanho (Uerpmann, 1973: 309).

Relativamente à quantificação faunística foi considerado o Número de Restos Indeterminado (ND), o Número de Restos Determinados Anatômica e Taxonomicamente (NRDt) e o Número Mínimo de Indivíduos (NMI).

4.2.1.2 Identificação e espécies presentes na amostra

O estudo dos restos faunísticos permitiu contabilizar 70 Restos Indeterminados (ND) e 19 Restos Determinados Anatômica e Taxonomicamente (NRDt), num universo de 89 restos (NTR).

Os animais de médio porte (ovicaprídeos e suídeos) representam 37% do total dos restos determinados. O grupo dos animais de grande porte encontra-se representado pelos bovinos (21%),

identificado em quatro restos. O coelho (42%) é representativo dos animais de pequeno porte.

Boi (*Bos taurus*)

Foram identificados quatro restos desta espécie, tendo-se verificado a presença de ossos não fusionados, o que indicia a presença de animais subadultos.

As marcas antrópicas observadas concentram-se nas epífises, pelo que é possível relacioná-las com o desmembramento da carcaça.

Ovelha (*Ovis aries*) e cabra (*Capra hircus*)

Identificaram-se quatro restos de ovicaprinos, verificando-se que os elementos se encontram fusionados, pelo que consideramos a sua pertença a animais adultos.

No que respeita as modificações sofridas pelos restos ósseos confirmou-se a existência de ossos com modificações originadas por carnívoros, bem como marcas antrópicas derivadas do processamento e consumo das carcaças.

Porco (*Sus* sp.)

No conjunto da amostra identificaram-se três restos de porco, sendo observável a presença de ossos por fusionar, o que indicia estarmos na presença de animais subadultos.

Coelho (*Oryctolagus cuniculus*)

Registaram-se oito restos desta espécie pertencentes maioritariamente a indivíduos adultos.

4.2.1.3. Estado de conservação da amostra

De um modo geral, a amostra revela diminuta alteração da superfície óssea, bem como escassas modificações originadas por animais, havendo apenas um caso da actividade de carnívoro, provavelmente cão. No entanto, não foram recolhidos restos desta espécie.

Alguns dos elementos apresentam marcas antrópicas derivadas do processamento e consumo das carcaças. As marcas são finas e estão localizadas na articulação distal dos elementos (Fig. 7). Registaram-se, igualmente, marcas de corte mais grosseiras, provocadas por cutelos, em especial nas vértebras.

Ainda no que respeita os aspectos tafonómicos, salienta-se o reduzido número de restos que indicem alteração pelo fogo.

Do ponto de vista tafonómico, verificamos que os restos ósseos apresentam um índice de alteração

reduzida, que poderá relacionar-se com a colocação dos restos em lixeiras, pouco tempo após o seu consumo.



Fig. 7 - Osso longo de ovicaprino com marcas de corte.

4.2.1.4. Considerações finais

O número de restos da amostra é manifestamente reduzido. No entanto, este conjunto constitui uma valiosa contribuição para o conhecimento das espécies animais e hábitos alimentares de uma comunidade urbana do século XIII.

O estudo dos restos ósseos revelou a presença de animais domésticos (ovinos e/ou caprinos e bovinos) que deveriam constituir a principal fonte de abastecimento de carne da população.

A presença de elementos fusionados e/ou por fusionar permite equacionar a existência de uma exploração diversificada dos recursos. É possível que os animais fossem abatidos quando atingiam o seu tamanho máximo, para obtenção de carne, ou mantidos até mais velhos, para obter produtos secundários como a lã ou o leite.

Embora estejamos perante uma amostra reduzida, e o registo de marcas de corte ser escasso, os dados recolhidos levam-nos a admitir que os restos faunísticos analisados resultam do consumo alimentar.

4.3. Outras representações faunísticas

Além das espécies faunísticas enunciadas nos pontos anteriores, regista-se a presença de gastrópodes, de pequenos mamíferos e de aves (p. ex. galináceos). Ainda no que concerne as aves (Fig. 8) destacamos o número elevado de elementos, comparativamente a outras espécies, bem como a presença de restos de cascas de ovo.



Fig. 8 - Restos de ossos de aves.

4.4. Recursos marinhos

A fauna marinha encontra-se representada pelos peixes e pelos moluscos. No que concerne os restos ósseos de peixes é de mencionar que estes aguardam um estudo mais aprofundado. Contudo, registamos a presença de indivíduos da família *sparidae*.

Os moluscos encontram-se escassamente representados na amostra. Contudo, foram identificadas diversas espécies, nomeadamente a amêijoia boa (*Venerupis decussata*), a vieira (*Pecten maximus*), o berbigão (*Cerastoderma edule*), o berbigão de bicos (*Acanthocardia tuberculata*), o mexilhão (*Mytilus edulis*), a ameijola (*Callista chione*) e a castanhola (*Glycymeris violaceus*).

No que respeita os moluscos, e pese embora a sua escassa representatividade, pensamos ser possível que estes tenham sido incorporados na dieta

alimentar desta comunidade. Em intervenções arqueológicas realizadas no sul de Portugal, como Silves (Davis, Gonçalves e Gabriel, 2008), Ribat da Arrifana (Callapez, 2007) ou Salir (Martins, 2013), foram reconhecidas algumas das espécies presentes na nossa amostra, estando estas relacionadas com o consumo alimentar dessas comunidades.

De um modo geral, as espécies que integram a nossa amostra podem, ainda hoje, ser encontradas na facha litoral portuguesa, nomeadamente na Ria Formosa e na Ria de Alvor, bem como nas embocaduras dos rios Guadiana e Arade.

4.5. Frutos e sementes

A elevada presença de materiais arqueobotânicos nas unidades [02], [04] e [05] levou à recolha de amostras de sedimento dos contextos estratigráficos enunciados. Contudo, apenas o estudo carpológico nos poderá fornecer informações concretas quanto às espécies presentes nas amostras recolhidas.

Com este objectivo, parte dos sedimentos escavados foi alvo de flutuação manual simples, efectuada no Gabinete de Arqueologia Municipal. Uma análise preliminar permite considerar a presença de sementes de figo e de uva, entre outros (Fig. 9).



Fig. 9 - Materiais orgânicos.

Em virtude da recolha e acondicionamento dos restos carpológicos foi possível fornecer uma amostra de grainhas de uva para estudo, do qual aguardamos as conclusões.

4.6. Osso Trabalhado

Neste contexto foram ainda recolhidos três cossoiros em osso trabalhado. Este tipo de objecto encontra-se relacionado com a actividade de fiação e tecelagem, destinando-se a ser colocados na parte inferior do fuso, como remate. Deste modo, o cossoiro dava o equilíbrio necessário, servindo de volante, mantendo e prolongando o movimento rotativo que a mão da fiandeira lhe imprimia.

Dois dos cossoiros apresentam forma cónica, orifício central cilíndrico definido por uma moldura saliente, superfícies polidas, sem decoração e base plana. O terceiro exemplar mostra forma discóide, orifício central cilíndrico, superfícies polidas, sem decoração e base plana (Fig. 10).



Fig. 10 - Cossoiros em osso trabalhado.

4.7. Metais

4.7.1. Pregos e cavilhas

A amostra é composta por um número residual de objectos produzidos em metal ferroso. Foram

identificados três pregos, quatro cavilhas, três restos de escória e dois objectos indeterminados.

4.7.2. Moedas e outros

Entre os objectos em metal não ferroso destaca-se a recolha de seis moedas e um objecto indeterminado.

O estudo das moedas permitiu a identificação de dois tipos de numisma, dois deles são enquadráveis no tipo *dinheiro*, sendo que o terceiro é de cronologia tardo-romana.

Os numismas classificados como dinheiros são de cunhagens da primeira dinastia portuguesa, tendo sido cunhados em bolhão (liga de cobre e prata), não tendo sido possível identificar o monarca responsável pela emissão destes numismas. Contudo, foi atribuído um intervalo de cunhagem de D. Dinis a D. Pedro I. Pese embora o intervalo de tempo fornecido por estes dois numismas, é possível considerar a hipótese de este espaço de despejo ter sido utilizado, enquanto lixeira, até finais do século XIV.

A moeda de cronologia tardo-romana mostra no anverso o busto do imperador e, no reverso, duas Vitórias de pé, afrontadas, usando coroa e palma. Tendo em conta o tipo do reverso, este numisma terá sido cunhado entre 342-348 d.C., enquanto Flavius Iulius Constans, conhecido como Constante I, era imperador.

A identificação deste último numisma, num dos contextos do silo, não encontra uma explicação evidente, dado que até ao momento não foram encontrados indícios da presença romana no espaço ocupado pela cidade.

5. Conclusões

A escavação do silo das Capacheiras possibilitou observar que esta estrutura terá tido como função

primária o armazenamento de produtos alimentares, provavelmente cereais. Após algum tempo, esta estrutura passou a ser utilizada como espaço de despejo de lixos domésticos, não tendo sido possível avaliar o tempo decorrido entre esses dois momentos funcionais.

Em Tavira, inseridos em cronologias de época medieval islâmica, foram reconhecidas algumas estruturas de armazenamento (Rio, 2006; Pinto e Simão, 2009; Filipe, 2011; Dinis, Covaneiro e Cavaco, 2012; Mateus, 2013; Covaneiro e Cavaco, 2016) escavadas no substrato geológico. À semelhança do que ocorre com o silo das Capacheiras, verifica-se um abandono destas estruturas e um reaproveitamento posterior enquanto lixeira.

Os dados disponíveis até ao momento não permitem concluir se este silo integraria, ou não, o celeiro da cidade em época islâmica, possivelmente situado nas imediações da porta da Alfeição (Cavaco e Covaneiro, 2013: 428), ou se estaria integrado numa estrutura habitacional familiar. No entanto, a localização da área intervencionada, as características do espólio exumado e o reduzido número de peças identificadas, levam-nos a considerar a pertença a um pequeno núcleo familiar.

Os materiais exumados do silo das Capacheiras são vários, verificando-se a prevalência dos materiais cerâmicos e faunísticos. A análise dos restos faunísticos fornece informação relevante quanto à dieta alimentar do grupo ou comunidade que utilizou este espaço, facultando-nos dados relativos ao aproveitamento dos ecossistemas que circundam a cidade de Tavira.

No que concerne os materiais cerâmicos podemos constatar que estes são inclusos em cronologias de finais do século XII/inícios do século XIII, com paralelos em vários sítios arqueológicos do sul de Portugal (Cacela Velha, Faro, Loulé, Paderne, entre outros).

Bibliografia

- AGOSTINHO, Frei João de Santo (1792). Memoria sobre huma Chronica inedita da Conquista do Algarve. In *Memorias de Litteratura Portuguesa*, 1. Lisboa: Academia Real das Sciencias, pp. 74-97.
- BARONE, Robert (1976). *Anatomie comparée des mammifères domestiques*. Tome Premier. Ostéologie. Paris: Vigot Frères Éditeurs.
- BARTOSIEWICZ, László; NEER, Wim Van; LENTACKER, An (1993). Metapodial asymmetry in draft cattle. *International Journal of Osteoarchaeology*, 3, pp. 69-75.
- BUGALHÃO, Jacinta; CATARINO, Helena; CAVACO, Sandra; COVANEIRO, Jaqueline; FERNANDES, Isabel Cristina; GOMES, Ana; GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana; GONÇALVES, Maria José; GRANGÉ, Mathieu; INÁCIO, Isabel; LOPES, Gonçalo; SANTOS, Constança (2010). Projecto de sistematização para a cerâmica islâmica do Gharb al-Ándalus. *Actas do 7.º Encontro de Arqueologia do Algarve. Xelb*, 10, pp. 455-476.
- CALLAPEZ, Pedro (2007). Fauna malacológica do ribât da Arrifana - Análise preliminar. In *Ribât da Arrifana: Cultura material e espiritualidade*. Aljezur: Município de Aljezur, pp. 87-90.
- CATARINO, Helena (1993). O castelo de Paderne (Albufeira). Resultados da primeira intervenção arqueológica. *Arqueologia Medieval*, 3, pp. 73-87.
- CAVACO, Sandra (2011). *O arrabalde da Bela Fria: contributos para o estudo da Tavira islâmica*. Dissertação de mestrado em Portugal Islâmico e o Mediterrâneo. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Universidade do Algarve. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.1/3109>.
- CAVACO, Sandra; COVANEIRO, Jaqueline (2013). O castelo e o povoado de Tavira. Traços evolutivos do islâmico ao cristão. In Isabel Cristina Ferreira Fernandes (coord.) *Fortificações e território na Península Ibérica e no Magreb (séculos VI a XVI)*, vol. 1. Lisboa: Edições Colibri, Campo Arqueológico de Mértola, pp. 427-434.
- CAVILLA SÁNCHEZ-MOLERO, Francisco (2005). *La cerámica almohade de la isla de Cádiz (Yazīrat Qādiz)*. Cádiz: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz.

- CHAIX, Louis e MÉNIEL, Patrice (2001). *Archéozoologie. Les animaux et l'archéologie*. Paris: Éditions Errance.
- COVANEIRO, Jaquelina; CAVACO, Sandra (2016). *Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos. Claustro do Convento de Nossa Senhora da Graça (Tavira)*. Tavira. Exemplar policopiado.
- COVANEIRO, Jaquelina; CAVACO, Sandra (2017). Evolução do espaço urbano da cidade de Tavira: resultados preliminares. *Scientia Antiquitatis*, Vol. 1, nº 2: *Actas do III Congresso Internacional de Arqueologia de Transição - Estratégias de Povoamento: do Período Romano ao Mundo Contemporâneo*, pp. 219-242.
- DAVIS, Simon (1996). Measurements of a group of adult female shetland sheep skeletons from a single flock: a baseline for zooarchaeologists. *Journal of Archaeological Science*, 23, pp. 593-612.
- DAVIS, Simon (1989). *La Arqueología de los animales*. Barcelona: Ediciones Bellaterra.
- DAVIS, Simon; GONÇALVES, Maria José; GABRIEL, Sónia (2008). Animal remains from a Moslem period (12th/13th century AD) *lixreira* (garbage dump) in Silves, Algarve, Portugal. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 11:1, pp. 183-258.
- DESSE, Jean; CHAIX, Louis e DESSE-BERSET, Nathalie (1986). *Ostéo. Base-Réseau de données ostéométriques pour l'Archéozoologie*. Paris: CNRS.
- DINIS, Tânia; COVANEIRO, Jaquelina; CAVACO, Sandra (2012). Formas de cerâmica almóada provenientes do Convento da Graça (Tavira). *Arqueologia Medieval*, 12, pp. 169-177.
- DRIESCH, Angela von den (1976). *A guide to the measurement of animal bones from archaeological sites*. Peabody Museum Bulletin, 1. Cambridge Mass: Harvard University.
- FILIPPE, Victor (2011). *Escavação e acompanhamento arqueológicos. Alteração em prédio – Centro de dia, Avenida Dr. Mateus Teixeira de Azevedo, n.º 1 (Tavira)*. *Relatório Final*. Exemplar policopiado.
- GAUTIER, Achilles (1987). Thaphonomic groups: How and Why? *Archaeozoologia*, 1:2, pp. 47-52.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2006). *La cerámica islámica de Mértola: Producción y comercio*. Tesis Doctoral. Madrid. Universidad Complutense de Madrid. Disponível em <http://www.ucm.es>
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2014). *Cerámica Islámica de Mértola*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- GONÇALVES, Maria José; PIRES, Alexandra; MENDONÇA, Carolina (2007). Evolução Tipológica de um Conjunto de Utensílios de Iluminação de um Arrabalde Islâmico de Silves. *Vipasca Arqueologia e História*, Série 2:2, pp. 643-653.
- LETOW-VORBECK, Corina Liesau von (1998). El Soto de Medinilla: faunas de mamíferos de la Edad del Hierro en el valle del Duero (Valadollid, España). *Archeofauna*, 7, pp. 17-166.
- LUZIA, Isabel (2003). *Cerâmicas islâmicas da Cerca do Convento de Loulé*. Loulé: Câmara Municipal de Loulé.
- MARTINS, Sónia Cristina Leandro (2013). *Estudo arqueofaunístico do Castelo de Salir (Loulé). Contribuição para o conhecimento da dieta alimentar islâmica*. Trabalho de Mestrado apresentado à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve.
- MATEUS, Brígida (2013). *Relatório da Horta dos Mouros. Calçada D. Ana n.º 26 (Tavira)*. Exemplar policopiado.
- NETO, Nuno; REBELO, Paulo; SANTOS, Raquel; FONTES, Tiago (2008). Silos islâmicos de Caparide (Cascais): análise estrutural. *Arqueologia Medieval*, 10, pp. 105-111.
- ORTON, Clive; TYERS, Paul; VINCE, Alan (1997). *La cerámica en arqueología*. Barcelona: Crítica.
- PAULO, Dália (2000). *A Casa Islâmica*. Faro: Câmara Municipal de Faro.
- PAYNE, Sebastián (1985). Morphological distinction between the mandibular teeth of young sheep, Ovis and goats Capra. *Journal of Archaeological Science*, 12, pp. 139-147.
- PINTO, Marina; SIMÃO, Inês (2009). *Sondagens Arqueológicas de Diagnóstico. Antigo Parque de Festas, Tavira. Relatório dos Trabalhos Arqueológicos*. Exemplar policopiado.
- REITZ, Elizabeth J.; WING, Elizabeth S. (1999). *Zooarchaeology*. Cambridge: University Press.
- RIO, Ana Teresa (2006). *As cerâmicas islâmicas e modernas de dois silos. Convento da Graça. Tavira*. Trabalho de seminário apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

- SCHMID, Elisabeth (1972). *Atlas of Animal Bones*. London.
- TORRES, Cláudio; GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana e FERREIRA, Manuela Barros (2003). Os nomes da cerâmica medieval. Inventário de termos. In *Actas das 3^{as} Jornadas de cerâmica medieval e pós-medieval, métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 125-134.
- UERPMANN, Hans-Peter (1973). Animal bone finds and economic archaeology: a critical study of “osteo-archaeological” method. *World Archaeology*, 4:3, pp. 307-22.
- ZOZAYA STABEL-HANSEN, Juan (2007). Los candiles de piqueta. In *Tierras del Olivo. El olivo en la Historia*. Granada, pp. 125- 135.